



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



# Encontro Nacional 2016

REDE BRASILEIRA DE ESCOLAS DE SAÚDE PÚBLICA

## Sumário

Encontro importante em tempos difíceis.....	2
Homenagem merecida.....	8
Ocupações de secundaristas inspiram RedEscola .....	10
Práticas pedagógicas: olhares sobre metodologias ativas de aprendizagem .....	14
Ações colaborativas e trabalho em rede .....	20
Saúde é meu lugar .....	24
Educação Permanente em Saúde.....	28
Tarefas necessárias para garantir sobrevivência .....	31
Para ler mais.....	32

## Encontro importante em tempos difíceis

O Encontro Nacional 2016 da Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública (RedEscola), que aconteceu no Rio de Janeiro entre os dias 23 e 25 de novembro, teve como tema a ‘Formação em saúde *no e para* o Sistema Único de Saúde (SUS)’. A reunião se deu em um momento importante e difícil para as pessoas e instituições que defendem a saúde pública: quase todo o ano foi perpassado por notícias que apontavam para o desmonte iminente do SUS.

Em setembro, foi promulgada a Emenda Constitucional 93/2016, que prorrogou a Desvinculação dos Recursos da União (DRU) até 2023, além de ampliá-la de 20% para 30%. Com isso, o governo federal pode utilizar para outros fins até 30% das receitas oriundas de contribuições sociais, que deveriam ser investidas em áreas sociais, entre elas, a saúde. A proposta dessa Emenda havia sido enviada ao Congresso Federal ainda em 2015, durante o governo de Dilma Roussef, mas sua tramitação ganhou velocidade a partir de junho, quando foi aprovada na Câmara.

Também ao longo do segundo semestre, o Ministério da Saúde começou a fomentar a criação de uma proposta de planos de saúde acessíveis, com o objetivo de alterar as exigências mínimas de cobertura, de modo a favorecer a oferta de planos privados mais baratos para a população. Diversas entidades – como o Conselho Federal de Medicina, a Rede Unida e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) se posicionaram imediatamente contra a medida. Em novembro, quando o Encontro foi realizado, um grupo (formado por representantes de associações médicas e de empresas de saúde e de seguros), trabalhava na construção de tal proposta.<sup>1</sup>

O principal baque sofrido pelo SUS, porém, veio por meio da Emenda Constitucional 95/2016, que congela despesas primárias do governo federal por duas décadas. Ela nasceu de uma proposta que passou pelo Congresso muito rapidamente: nasceu na Câmara em junho, como PEC 241, foi aprovada por essa casa em outubro e, em seguida, tramitou no Senado, como PEC 55. Em novembro, época da realização do Encontro Nacional da RedEscola, a PEC estava em vias de aprovação – ela foi enfim votada e aprovada em dezembro, e a Emenda foi publicada ainda antes do fim do ano. As

---

<sup>1</sup> Ela foi finalizada e entregue pelo Ministério da Saúde à Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) em março de 2017

perdas para o SUS podem chegar a R\$ 700 bilhões, segundo estudo publicado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).<sup>2</sup>

## #OcupaSUS

Diante dessas circunstâncias, o mote da reunião anual da RedEscola não poderia ser outro: era preciso ter em mente, durante todo o Encontro, a necessidade de criar estratégias fortes e concretas de resistência. E, tendo como inspiração as ocupações que vinham se espalhando por todo o país – em escolas e instituições dos governos –, a discussão central era sobre quais seriam as melhores formas de ‘ocupar’ a saúde para defendê-la.

A própria identidade visual do evento foi pensada para se encaixar na ideia de ocupações: foram confeccionados cartazes, bolsas e canecas com o logotipo da Rede em branco, e os participantes puderam colorir tudo a seu gosto, ‘ocupando’ até mesmo a identidade do Encontro.

Para favorecer esse debate, uma das grandes novidades do Encontro foi a sua primeira mesa, pensada justamente para ter um caráter dinâmico e propositivo, em vez de apenas acadêmico. Nessa *mesa sem mesa*, não houve palestrantes convidados: o microfone ficou aberto, e todas as pessoas presentes puderam debater o tema proposto: ‘Formação dos trabalhadores do SUS: caminhos e perspectivas. Como pensar a formação em saúde para o SUS no contexto atual?’.

Mais adiante, na manhã do encerramento, novamente a conversa esteve centrada nas maneiras pelas quais a RedEscola poderia exercer pressão política para defender seus objetivos. Por isso, os membros do Grupo de Condução se comprometeram a redigir um documento com a posição oficial da Rede, bem como suas demandas e propostas, e conseguir estabelecer um diálogo com o Ministério da Saúde.

Além disso, houve discussões sobre ideias e práticas pedagógicas na formação em Saúde Pública, sobre Educação Permanente em Saúde e sobre trabalho em rede, e foram lançadas duas publicações referentes a projetos realizados pela RedEscola: *Vigilância em*

---

<sup>2</sup> A nota técnica Os impactos do Novo Regime Fiscal para o financiamento do Sistema Único de Saúde e para a efetivação do direito à saúde no Brasil está disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=28589](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28589).

*Saúde e atuação em rede*<sup>3</sup> e *Educação Permanente em Saúde: experiência viva na RedEscola*<sup>4</sup>.

O Encontro também abriu espaço para a apresentação de uma nova instituição integrante, a Escola Municipal de Saúde Pública de Aparecida de Goiás.

### **Novos membros do Grupo de Condução**

No último dia do Encontro, foram realizadas eleições para a escolha de novos membros do Grupo de Condução da RedEscola. Assim como no ano passado, os essas pessoas foram selecionadas por consenso após negociações entre as Escolas e não houve necessidade de votação. Na região Norte, foi eleita Isabela Nogueira (AC) como suplente. Pela região Nordeste, foram eleitas Socorro Dias (CE) e Suely Silva (AL) como titulares e José da Paz (PB) como suplente. Maria Aparecida Veloso (MG) foi eleita como suplente pela região Sudeste. No Sul, foram eleitas Ana Lúcia Fonseca (PR) como titular e Fátima Plein (RS) como suplente. Finalmente, no Centro-Oeste, foram eleitas Irani de Moura (GO) e Ana Valéria Barroso (GO) como titulares e Eloá Lourenço (MT) como suplente. Fabiana Damásio (DF) foi reeleita como titular para a mesma região.

Considerando os membros cujo mandato ainda está em curso, a composição do Grupo ficou a seguinte:

#### **Região Norte:**

Márcia Valéria Santana (TO) – titular

Juliana Bruno (TO) – titular

Isabela Nogueira (AC) – suplente

#### **Região Nordeste:**

Célia Borges (PE) – titular

Socorro Dias (CE) – titular

Suely Silva (AL) – titular

José da Paz (PB) – suplente

---

<sup>3</sup> Disponível aqui: <http://rededeescolas.ensp.fiocruz.br/node/445>

<sup>4</sup> Disponível aqui: <http://rededeescolas.ensp.fiocruz.br/node/444>

**Região Sudeste:**

Tatiana Wargas (RJ) – titular

Maria Aparecida Veloso (MG) – suplente

**Região Sul:**

Ana Lúcia Fonseca (PR) – titular

Fátima Plein (RS) – suplente

**Região Centro-Oeste:**

Irani de Moura (GO) – titular

Fabiana Damásio (DF) – titular

Ana Valéria Barroso (GO) – titular

Eloá Lourenço (MT) – suplente

Durante o Encontro, estiveram presentes representantes de Escolas de todo o país, de trabalhadores e estudantes da área, e de representantes do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems). **Uma lista completa dos participantes se encontra no fim desta publicação.**

O evento foi realizado no South American Hotel, em Copacabana, e a programação completa foi a seguinte:

**23 de novembro:**

MANHÃ

Abertura:

*Formação dos trabalhadores do SUS: caminhos e perspectivas. Como pensar a formação em saúde no contexto atual?*

Mediação: Caco Xavier

Homenagem a Andreza Cardoso Fialho e Roseni Sena

TARDE

*Dialogando sobre ideias e práticas pedagógicas na formação em Saúde Pública*

Convidadas: Fátima Plein (ESP-RS), Lais de Souza (UFMS) e Marise Ramos (EPSJV)

Mediação: Rosa Souza

24 de novembro

MANHÃ

*Rede Brasileira de Escolas de Saúde Pública: Experiências de ações colaborativas e de trabalho em rede*

Convidados: Cláudia Langes (RET-SUS), Nilton Bahlis (ENSP) e Wagner Martins (Fiocruz Brasília)

Mediação: Grupo de Condução / RedEscola

Lançamento ‘Saúde é meu lugar – mostra de vivências no território’

TARDE

Rodas de conversa: *Educação Permanente em Saúde – compartilhando experiências para (re)construir práticas*

Sustentabilidade em rede: ações e projetos na RedEscola e construção do plano 2017-2018

Publicações: ‘Educação Permanente em Saúde – experiência viva na RedEscola’ e ‘Vigilância em saúde – atuação em rede’

**25 de novembro**

MANHÃ

RedEscola: composição, papel do Grupo de Condução nas regiões e regulamento

Grupo de Condução: eleição 2016



## Homenagem merecida

Embora a maior parte do Encontro Nacional 2016 da RedEscola tenha sido voltado para o debate político, houve uma pausa das discussões para abrigar um momento de grande emoção.

O ano de 2016 trouxe duas enormes perdas para a RedEscola e para a luta pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Andreza Fialho, da Secretaria Técnica Executiva, e Roseni Sena, diretora da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG), faleceram em agosto e setembro, respectivamente, e, no primeiro dia do Encontro, a memória dessas duas mulheres foi lembrada.

Para homenagear Roseni, a equipe da ESP-MG falou brevemente sobre a biografia da professora, que tinha uma larga trajetória em defesa do SUS, e apresentou um vídeo em que fotografias e falas de Roseni eram intercaladas com declarações dos trabalhadores da Escola a respeito dela.

Já a equipe da Secretaria Técnico-Executiva da RedEscola construiu um blog chamado #DezaVive (o endereço é <http://www.dezavive.com>) para abrigar histórias sobre Andreza narradas por familiares, amigos e companheiros de trabalho, além de fotos. A equipe preparou também cartazes com o retrato ilustrado das duas mulheres (**que estão reproduzidos acima**), e leu ainda o seguinte poema, dedicado a ambas e escrito por Caco Xavier, da Secretaria:

Não, nenhuma vida é jamais perdida –  
Sobre esta terra, a pegada que marca,  
o desejo, um grito, a mão na ferida,  
tão rubra e profunda se mais se alarga –

E a vida se abriga, e se larga, e ensina  
o que sabe a si e o que mais lhe cabe –  
Assume um nome, uma face, uma sina  
e a cumpre inteira até que o mundo acabe –

Mas nenhum mundo finda, só se vira  
em outro, desvira e dobra e redobra  
– cândido incêndio do tempo—e a pira  
confisca o que lhe falta e o que lhe sobra –

Duas mulheres. Dois mundos. ‘Partida’?

Nenhuma vida se vai, se bem vi  
vida –

## Ocupações de secundaristas inspiram RedEscola

No momento em que o Encontro Nacional 2016 da RedEscola era realizado, já passava de mil o número de escolas e universidades brasileiras ocupadas contra propostas que afetavam diretamente a educação. Era o caso da PEC 55, que tramitava no Senado e versava sobre o congelamento das despesas primárias do governo federal por duas décadas; da MP 746, que pretendia reformar o Ensino Médio<sup>5</sup>, e do Programa Escola sem Partido<sup>6</sup>, visto por movimentos sociais como uma forma de impedir o estímulo ao pensamento crítico nas escolas brasileiras.

O uso das ocupações como estratégia de luta e resistência já vinha sendo usado por estudantes secundaristas desde o fim de 2015, e muitas vezes com sucesso. Em São Paulo, estudantes derrotaram um projeto que visava ao fechamento de escolas e turmas em todo o estado e conseguiram, ocupando a Assembleia Legislativa de São Paulo durante três dias, conquistar a abertura de uma CPI para investigar as fraudes na compra de merenda escolar. Em Goiás, as ocupações barraram a atuação das Organizações Sociais na administração das escolas públicas. No Rio, estudantes garantiram a realização de eleições para diretor, a captação de verba para a manutenção das escolas e o fim do Sistema de Avaliação da Educação do Estado. Estudantes no Mato Grosso barraram a implementação de Parcerias Público Privadas nas escolas estaduais e impediram a aprovação de um projeto que instituiria o Programa Escola sem Partido no estado. Há muitos outros exemplos de conquistas espalhados por todo o país: resistindo muitas vezes à repressão policial e a investidas de ‘desocupação’, os secundaristas acabaram ensinando várias lições importantes a outros movimentos sociais.

A influência deles não demorou a ser percebida na saúde. Já em maio de 2016, um grupo ocupou o prédio do Ministério da Saúde em Salvador. Em junho, prédios do Ministério ou das secretarias estaduais de saúde foram ocupados em Belo Horizonte, Florianópolis e Rio de Janeiro.

O contexto de desmonte na área da saúde é tal que a própria sustentabilidade das Escolas da Rede é uma incógnita – algo que estava bem claro em novembro, durante o

---

<sup>5</sup> Essa medida provisória foi aprovada pela Câmara dos Deputados em dezembro de 2016 e, em fevereiro, pelo Senado. Foi publicada como Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

<sup>6</sup> A ideia do Programa Escola sem Partido já foi apresentada, como projeto de lei, em todas as esferas de governo. No Congresso Nacional, o principal é o PL 867/2015, do deputado Izalci Lucas (PSDB/DF), que está em tramitação. Alguns estados e municípios já aprovaram a instituição do programa. Entre eles, está o estado de Alagoas e os municípios de Salvador (BA) e Santa Cruz do Monte Castelo (PR).

Encontro. Assim como na educação, o maior golpe vinha da PEC 55, que, conforme já foi salientado no capítulo anterior, poderá retirar da saúde R\$ 700 bilhões ao longo dos próximos 20 anos.

Embora a aprovação desta PEC fosse praticamente uma certeza – de fato, a Emenda Constitucional 95/2016, originada por ela, foi publicada ainda em dezembro –, participantes do Encontro Nacional da RedEscola avaliaram que era possível e necessário oferecer resistência às mudanças e retrocessos que vinham se apresentando ao longo do ano.

A organização do evento foi claramente inspirada pelos movimentos de secundaristas e pelas ocupações já existentes na área da saúde. Por isso, a primeira manhã do encontro foi dedicada não a apresentações acadêmicas, mas à realização de uma *mesa sem mesa*, com o microfone aberto para que todos os presentes pudessem refletir juntos: como pensar a formação para o SUS num contexto de desmonte do próprio SUS e da educação? E mais: como ocupar o SUS?

A sessão foi mediada por Caco Xavier, representante da Secretaria Técnica Executiva da RedEscola. ‘Travestido’ de estudante secundarista, Caco fez um convite: “Estamos adultos demais, formais demais. Vamos nos tornar crianças, crianças grandes, secundaristas”, disse ele, completando: “Vamos ocupar esse encontro, essa abertura. Vamos nos transformar nas pessoas que hoje estão fazendo uma profunda diferença no nosso país, que estão nos ensinando formas de insurreição”. Caco apresentou um vídeo inspirado no coletivo Annonymous<sup>7</sup> que explicava os significados da palavra ocupação e, em seguida, os participantes expuseram suas inquietações, expectativas, intenções e sugestões de ação para a resistência ao desmonte do sistema.

Alguns pontos comuns emergiram de falas distintas, e um deles foi a necessidade de a militância do SUS conseguir se fortalecer envolvendo a comunidade, os movimentos sociais e os próprios estudantes que hoje ocupam suas instituições: “quebrar os muros das instituições”, “dialogar com outras formas de expressão” e “falar de um jeito que as pessoas entendem” foram expressões que ecoaram durante a sessão.

Apesar de o foco da abertura do evento ter sido o diálogo livre, houve também uma mesa de abertura que contou com a participação de Rosa Souza, coordenadora da Secretaria Técnica Executiva da RedEscola; Hermano Castro, diretor da Escola Nacional

---

<sup>7</sup> O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SFFu343aD5k>

de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz); Tatiana Vargas, pesquisadora da ENSP e membro do Grupo de Condução da RedEscola; Celia Santana, representando o mesmo Grupo de Condução; Márcia Pinheiro, representando o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems); José Ivo Pedrosa, da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco); e Carlos Maurício, representando a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) e a Secretaria de Comunicação da Rede de Escolas Técnicas do SUS (RET-SUS).

Rosa Souza afirmou que o momento era digno de mudanças e de novas orientações. “O próprio fato de termos conseguido nos reunir aqui, apesar de todas as dificuldades, já é uma forma de resistência: mostra que estamos vivos, que o SUS está vivo”, comemorou. Celia Santana salientou que o evento era especialmente importante no contexto atual e que, como trabalhadores e usuários do SUS, os participantes tinham uma grande responsabilidade e deveriam usar esse momento para planejar ações.

Márcia Pinheiro se disse contente por ter sido convidada a participar do evento já que, de acordo com ela, a educação não costuma ser uma das maiores prioridades dos gestores. Fazendo referência a uma fala recente do ministro da Saúde, Ricardo Barros, segundo o qual um “sistema de saúde para todos é um ‘sonho’ e seus defensores são ‘ideólogos’”<sup>8</sup>, ela disse que é sempre bom ver uma sala cheia de ideólogos: “São eles que mantêm acesa a chama do SUS”, ironizou.

Carlos Maurício lamentou que a sinergia entre a RedEscola e a RET-SUS ainda não seja perfeita, mas afirmou que essa é uma busca constante: “E é indispensável para a mudança dessa realidade que nunca deixou de se impor, mas também nunca esteve tão presente como necessidade civilizatória”. Como professor-pesquisador da EPSJV, ele também falou sobre a disposição dessa instituição em unir-se às lutas da RedEscola. “No momento em que a concepção de uma escola crítica que contribua para a superação das tragédias sociais em que nos encontramos é tão desprezada, e até mesmo atacada, a EPSJV quer que somar ao esforço, em rede, para enfrentarmos essa concepção atrasada de formação, inclusive na saúde, à qual somos tão contrários”, disse.

---

<sup>8</sup> A declaração foi dada em entrevista à BBC Brasil e a reportagem está disponível aqui: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37932736>

José Ivo, por sua vez, lembrou que, embora os desafios agora sejam maiores, a construção do SUS nunca foi uma tarefa simples. “Em nenhum governo o SUS foi aceito e totalmente assumido. A diferença é que, agora, pela primeira vez, temos um ministro assumidamente contra o SUS. Essa é a dificuldade mas, ao mesmo tempo, o caminho para percorrer essa luta. Hoje a única coisa certa é a incerteza—se ela existe, talvez exista também a certeza de que podemos traçar nosso caminho”.

Tatiana Vargas lembrou o quanto tem aprendido sobre o trabalho em rede desde que começou a integrar o Grupo de Condução da RedEscola. “Precisamos construir processos mais autônomos, coletivos, dialógicos, solidários, e passar menos tempo voltados para nossos projetos e agendas pessoais”, disse. Hermano Castro afirmou que um dos grandes desafios está na relação com a sociedade. “É ela quem está no território. São os movimentos sociais. Eles estão na resistência, ocupando escolas, universidades. Se isso continua, podemos ocupar o SUS. E não seremos nós, os trabalhadores, mas a população, os usuários”, avaliou.

## **Práticas pedagógicas: olhares sobre metodologias ativas de aprendizagem**

A organização escolar tradicional é muitas vezes apontada como sendo incapaz de suprir as expectativas e necessidades dos estudantes de hoje, que acompanham a propagação de novas tecnologias e meios de comunicação e não necessariamente se sentem atraídos pelas aulas e escolas convencionais. Pensando nisso, a organização do Encontro Nacional 2016 da Rede Brasileira de Escolas e Saúde Públicas (RedEscola) propôs dar espaço, durante o evento, a uma discussão crítica sobre o uso de novas metodologias que prometem resgatar o interesse desses estudantes.

Segundo Rosa Souza, coordenadora da Secretaria Técnica Executiva, é importante compreender essas metodologias e conhecer suas qualidades, mas com algum cuidado: “O que nos instiga é perceber que atualmente o uso das metodologias ativas de aprendizagem parecem uma panaceia. É como se quem não as utilizasse não fosse moderno. Mas nós queremos pensar melhor sobre isso e entender de onde vêm tais metodologias, o que são elas, para que servem e a quem servem”, disse Rosa, ao abrir uma mesa de debates cujo tema era ‘Dialogando sobre ideias e práticas pedagógicas na formação em Saúde Pública’.

Para desenvolver a questão, foram convidadas três professoras-pesquisadoras: **Lais** de Souza SERIA BOM CONFERIR SE O NOME DELA TEM ACENTO, POIS VI DOS DOI SJEITOS, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Marise Ramos, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) e Fátima Plein, da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP-RS).

### **Como funcionam as metodologias ativas?**

Laís é docente do curso de graduação em fisioterapia da UFMS e se declarou grande fã das metodologias ativas: os resultados observados em suas turmas são, de acordo com ela, muito bons. Para introduzir o tema, a professora fez uma breve apresentação em que evidenciou as suas principais características, em oposição às da pedagogia tradicional.

Uma das mais importantes é que o centro do processo deixa de ser o professor e passa a ser o aluno. Um esquema apresentado por Laís mostrou que, na pedagogia

tradicional, o aluno está praticamente excluído do processo educacional, tendo uma participação apenas passiva. “O currículo é escolhido por alguém que decide o que é importante ensinar. Há os professores, que não necessariamente decidiram o currículo, mas o executam através das disciplinas. Os conteúdos, por sua vez, não precisam dialogar uns com os outros. E o aluno sequer aparece no processo”, disse a pesquisadora.

Já o esquema das metodologias ativas mostra que, nelas, é justamente o aluno quem está no centro. O conteúdo das aulas e práticas gravita ao redor dele, ajustando-se aos seus interesses e necessidades, enquanto o professor gravita ao redor de conteúdos e alunos, atuando como um mediador entre eles.

Segundo Lais, nos dias de hoje é comum faltar motivação aos alunos; por centrar o processo de ensino-aprendizagem neles, as metodologias ativas garantem essa motivação, tornando-se mais adequadas que a pedagogia tradicional. “É comum eles passarem boa parte da aula verificando o whatsapp e o facebook, numa postura passiva. E essas metodologias são ancoradas na provocação aos alunos, que os instiga, motiva, cria interesse”, afirmou.

Outro aspecto que ajuda a gerar envolvimento é a valorização do conhecimento prévio: quando usa metodologias ativas, o professor não aborda determinado tema apenas explicando o conteúdo para uma turma. Em vez disso, o ponto de partida é o que aqueles estudantes já sabem a respeito do assunto em questão. Lais disse que o grande segredo é a produção de encantamento, e lembrou seu poeta conterrâneo Manoel de Barros, que diz: “Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.

Lais enunciou ainda uma série de outras particularidades que caracterizam as metodologias ativas: a reflexão que os alunos devem fazer sobre o processo; a experimentação, pois a prática é tão importante quanto a teoria; a correção do trajeto dos alunos ao longo do seu caminho; a exploração de todos os sentidos.

De acordo com a professora, pesquisas indicam que os resultados das metodologias ativas – considerando os conteúdos apreendidos – são equivalentes aos das metodologias tradicionais. Porém, essa comparação camufla o fato de que as metodologias ativas não estão preocupadas apenas com o conhecimento ‘puro’, mas também com o desenvolvimento de habilidades e, principalmente, de atitudes – o que seria uma grande vantagem. Para ela, isso explica por que elas são tão interessantes do ponto de vista da



formação em saúde, para ajudar a formar profissionais mais ligados às necessidades do SUS e preocupados com a integralidade do cuidado. “A atitude é um dos principais pontos: precisamos formar pessoas que queiram se aproximar dos usuários, que não sejam preconceituosas, arrogantes, que falem bom dia – e essa atitude é uma preocupação nas metodologias ativas”, refletiu.

### **Do pai da pedagogia à chamada *atividade***

Marise Ramos é docente de Educação Profissional em Saúde na EPSJV e também dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPFH/Uerj). Em sua fala, ela buscou as origens das metodologias ativas, mas sempre relacionando-as a diferentes correntes pedagógicas. De acordo com a professora, é importante ter isso em mente para não correr o risco de simplificar a discussão: “Se discutirmos metodologias sem pedagogia, vamos discutir apenas o meio. Mas a formação se produz mediante determinadas concepções de sujeito, de ser humano e de sociedade, e é preciso pensar nisso”, explicou.

Ela tratou de algumas diferenças entre as seguintes correntes pedagógicas: a pedagogia tradicional, de Johann Friedrich Herbart; a Escola Nova, de John Dewey, a pedagogia desenvolvida por Paulo Freire; e a Pedagogia Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani.

De acordo com a professora, Herbart é considerado o ‘pai’ da pedagogia e, para ele, a finalidade da formação era transmitir a tradição de determinada sociedade – tanto a cultura quanto o conhecimento científico – para suas novas gerações. O professor era a figura que carregava a tradição em si e tinha a responsabilidade de passá-la adiante. Assim, o processo era evidentemente focado no ensino, o que explica a centralidade do professor. “Havia o pressuposto de que os educandos não carregavam ainda nenhuma tradição, precisando, portanto, ser ensinados diretamente”, explicou Marise. Tratava-se de uma perspectiva centrada na filosofia essencialista, ou seja, o ser humano teria uma essência a ser desenvolvida, e a educação seria uma mediação necessária para isso.

Uma grande virada se deu a partir dos estudos Dewey, filósofo norte-americano que se apropriou da filosofia do pragmatismo para pensar a educação durante a primeira metade do século 20 (sua obra inspirou, no Brasil, o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira). Foi então que a *atividade* passou a aparecer de forma intencional,

como uma dimensão do processo pedagógico – passa-se da pedagogia da essência para uma pedagogia da existência, a partir de uma ideia que está associada à compreensão de que o ser humano é um ser de experiências. “A educação teria por finalidade propiciar meios de vivenciar a cultura, construindo-a e reconstruindo-a. Aqui, o *ativo* ocupa um lugar muito importante, e a atividade está associada a essa compreensão de que o ser humano é um ser de experiência, e que o processo pedagógico deve possibilitar ao estudante um encontro com novas experiências – novas experiências que seriam desafiadoras, provocariam pensamento em um processo de reflexão e reflexividade”, explicou Marise.

Por isso, com Dewey há uma inversão em relação à pedagogia tradicional: a centralidade sai do professor para o educando; do ensino para a aprendizagem; do conhecimento lógico para o psicológico, com a possibilidade de mobilizar o pensamento diante de situações desafiadoras.

Também é esse o caminho seguido pelo norte-americano David Ausubel, que propôs em 1963 a teoria da aprendizagem significativa. É dele a ideia de utilizar o conhecimento prévio como ‘âncora’, de modo que a aprendizagem aconteça na medida em que o conhecimento novo se articule com o prévio. Para o pesquisador, essa vinculação precisa ser provocada pela experiência, e gerar o interesse do estudante é fundamental.

Nesse movimento está o sentido das chamadas metodologias ativas: “São metodologias que provocariam o estudante a associar um novo conhecimento com o anterior, por meio de um processo experienciado”, resumiu a professora, notando que a atividade não está ligada – apenas ou necessariamente – à ação prática: Ausubel também se refere a atividades mentais, de modo que palestras ou mesmo aulas aparentemente ‘tradicionais’ podem ser consideradas metodologias ativas. “Se as pessoas envolvidas estão conectadas, se os estudantes estão fazendo relações com os conhecimentos prévios e se é construído algo novo, então há metodologia ativa. É importante destacar isso para não cairmos no mito do praticismo e do metodologismo. A necessidade de apresentação de um conhecimento sistematizado sob uma lógica em que a capacidade de escuta e de conexão dialógica acontece também é uma metodologia ativa. Tudo depende de como se constrói o planejamento, a intencionalidade e a ocasionalidade, de modo a poder reorganizar a prática quando a situação assim o exigir”, explicou Marise.

Ela afirmou que, depois de Dewey e Ausubel, uma nova guinada se deu a partir dos anos 1970 com o educador brasileiro Paulo Freire, que se apropriou criticamente da ideia da atividade, direcionando-a para os interesses dos oprimidos. Marise abordou ainda a Pedagogia Histórico-Crítica, formulada pelo também brasileiro Dermeval Saviani nos anos 1980. De inspiração gramsciana, ela propõe que a educação escolar deve propiciar que cada indivíduo tenha acesso ao saber historicamente construído pela humanidade, de modo que os estudantes entendam a sociedade de forma crítica, fora do senso comum. Assim, eles podem compreender a realidade para transformá-la.

Cada corrente pedagógica vê a problematização de uma forma distintas e, para Marise, é fundamental observar essas diferenças. Na pedagogia tradicional, por exemplo, nada é problematizado: o conhecimento e a cultura são apenas transmitidos. Já em Dewey e na Escola Nova, são problematizadas as situações que devem ser enfrentadas e resolvidas. Com Paulo Freire, problematiza-se a condição do oprimido. Por fim, na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani, é problematizada a prática social. Isso não significa problematizar absolutamente tudo, mas recortar aquilo que a realidade exige problematizar: “Isso é fundamental na área da formação em saúde, já que, compreendendo a esfera dos serviços ou da prática, compreendemos que o trabalhador não é apenas um trabalhador da saúde, mas um sujeito que, na sua relação com o outro, se coloca de determinada maneira naquela realidade social complexa; em outras palavras, não é apenas um trabalhador da saúde, mas um sujeito social. E o próprio conceito da saúde se estende para além da dimensão técnica ou assistencial, e é vista em sua dimensão social”, analisou Marise.

Em relação ao papel do professor, ela afirmou que, se na pedagogia tradicional ele é o centro, na Escola Nova e na pedagogia freireana ele assume a posição de mediação mas, na Pedagogia Histórico-Crítica, é mais que um mediador. “É a pessoa que, em relação à prática social, já acumulou um conjunto de conhecimentos que a coloca a na condição legítima de direcionar o processo de ensino-aprendizagem. Não para manter os estudantes distantes, mas, ao contrário, para que todos cheguem ao seu patamar de compreensão da realidade”.

## **Metodologias ativas em um dia a dia de enfrentamento**

Fátima Plein é professora ESP-RS, uma instituição que faz parte da Rede e que vem passando por uma situação grave de sucateamento. Em sua fala, ela apresentou uma ideia interessante sobre como a Escola vê o objetivo da formação: não se trata de formar sujeitos autônomos – pois nenhum sujeito se basta a si mesmo –, mas de formar *autores*.

De acordo com ela, várias metodologias ativas vêm sendo utilizadas pela Escola, com esse horizonte: “No processo de autoria, reconhecemos um sujeito que só o é na relação com o outro, mas que vai poder criar sua visão de mundo e assiná-la, como um autor. As metodologias ativas são importantes para isso”, afirmou.

Ela disse que os professores da ESP-RS ainda não têm uma formação docente estruturada, como ocorre em outras escolas. O corpo docente é formado por técnicos e especialistas, e não por professores propriamente, de modo que esse aspecto era uma fragilidade da equipe. Por isso, com a realização do Curso de Saúde Pública – parte de um projeto realizado pela RedEscola –, a ESP tem aproveitado para desenvolver um processo de educação permanente dos professores em que são discutidos diversos aspectos das metodologias ativas. “Quando lidamos com isso, temos o cuidado de não pegar desavisadamente uma metodologia e reduzi-la a uma técnica ou à instrumentalização”, afirmou.

Fátima disse que, para a ESP-RJ, tais metodologias, a concepção de sujeito e de autoria e o exercício político e histórico estão todos totalmente amarrados, e que os efeitos disso, no contexto político atual, têm sido interessantes. “Hoje estamos vivendo o desmonte de nossa Escola e do nosso estado. E não seríamos docentes engajados na formação de sanitaristas se deixássemos essa discussão do lado de fora das salas de aula. Ela está dentro e fora, os estudantes estão conosco dentro e fora. Isso também é metodologia ativa. Era disso que Freire falava quando dizia que o importante não era se ‘Eva viu o ovo’, mas sim pensar o porquê do ovo, o porquê do mundo, o porquê de estarmos aqui, que espaço ocupamos. Nós estamos tentando ocupar tudo quanto seja possível”, desabafou.

Em solidariedade à Escola, todas as pessoas presentes no Encontro fizeram um vídeo, em que se posicionam contra o desmonte e a favor da ESP-RS.

## **Ações colaborativas e trabalho em rede**

Um momento importante no Encontro Nacional 2016 da RedEscola foi a realização da mesa sobre ‘Experiências de ações colaborativas e de trabalho em rede’. Para conversar com os participantes, foram convidados Nilton Bahlis, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), e Cláudia Langes, diretora da Escola Técnica de Blumenau e representante da Região Sul da Rede de Escolas Técnicas da SUS (RET-SUS).

### **Articulação para a Educação profissional no SUS**

Cláudia falou sobre a constituição e o funcionamento das Escolas técnicas e da própria RET-SUS. A RET-SUS é uma rede governamental relativamente recente: foi criada pelo Ministério da Saúde, pelo conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e pelo Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) no ano 2000. Ao longo dos últimos 16 anos, a articulação dessas instituições na RET-SUS foi se consolidando e, hoje, a rede conta com 41 Escolas presentes em todos os estados. Seus objetivos são compartilhar informação e conhecimento, buscar soluções para problemas comuns, difundir metodologias e outros recursos tecnológicos e promover a articulação das Escolas participantes.

A história das Escolas, no entanto, é bem anterior à formação da rede. Elas são instituições públicas criadas para atender demandas locais de formação de trabalhadores que já atuam nos serviços de saúde, e sua origem remonta aos anos 1980, quando se desenvolveu o projeto Larga Escala, que visava à promoção e melhoria da formação de diversos trabalhadores de nível fundamental e médio da saúde. Na década seguinte, iniciou-se o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (Profae) e, mais recentemente, nos anos 2000, o Programa de Formação de Profissionais de Nível Médio para a Saúde (Profaps). Durante todo esse período, a importância dessas Escolas têm sido incontestável. “Nosso diferencial é o foco, que está na formação profissional no nível médio e na qualificação. Nosso público é basicamente o trabalhador de nível médio”, explicou Cláudia.

Toda a estrutura das instituições e dos cursos é pensada para atender da melhor maneira a esse perfil. De acordo com Cláudia, normalmente os cursos são descentralizados, acontecendo perto da área de atuação dos trabalhadores (“A Escola vai

até os municípios, e não o contrário, como ressaltou Cláudia ”) e os currículos buscam se adequar ao contexto regional. Além disso, a integração entre ensino e serviço é adotada como princípio educativo. “E, a partir da portaria 1996/2007, passamos a ter novos espaços de articulação com a rede de serviço. Temos assento na Comissão Intergestora Regional e nas Comissões Permanentes de Integração Ensino e Serviço, o que tem ajudado as Escolas”, observou.

Para a professora, a formação e qualificação desses profissionais é um componente decisivo para efetivar os princípios do SUS, por meio da atuação de trabalhadores que saibam refletir sobre suas práticas e, a partir daí, melhorar o atendimento à população.

### **Rede e tecnologias**

Nilton Bahlis, que coordena o Núcleo de Experimentação de Tecnologias Interativas (Next/Fiocruz), falou sobre a relação entre essas tecnologias e o trabalho em rede. De acordo com ele, vivemos hoje em um mundo de constantes e fortes mudanças e só é possível pensar nesse mundo ‘entrando’ realmente nele – a situação é comparável ao momento em que os primeiros portugueses chegaram ao Brasil. “Eles olharam ao redor e pensaram: vamos entrar nesse mundo. Não podiam sentar e planejar como iriam atuar, porque estavam diante do completo desconhecido. Conosco, acontece o mesmo”, afirmou.

De acordo com ele, as primeiras experiências em Educação a Distância reproduziam, muitas vezes, a mesma lógica da escola tradicional. Para não cair nessa armadilha, é preciso entender o que é a educação em rede – e, portanto, entender bem o que significa *rede*.

Para esclarecer o termo, Nilton apresentou um diagrama que mostra três tipos diferentes de redes.

No primeiro há um ponto central que se liga a todos os demais. “As estruturas antigas eram assim, mas em dado momento começam a ter problemas, pois o centro não consegue mais administrar uma rede crescente”, explicou Nilton, dizendo que, assim, surgiu um novo tipo: “Este segundo modelo não é nada mais que uma reprodução do primeiro, mas com centros mediadores. A diferença é que, no primeiro, se o centro cai, a rede cai. No segundo, há outros centros que podem sustentar a rede. Porém, ela também

chega a um limite em que os centros não podem mais sustentá-la e, além disso, a comunicação entre os pontos é limitada”.

O terceiro modelo tem uma tipologia diferente: são os mesmos pontos, mas com outro tipo de ligação, o que gera uma dinâmica distinta. “Os pontos não dependem de intermediários, podem se comunicar livremente por meio de milhares de caminhos. Nos dias de hoje, o mediador - o centro - perdeu a habilidade de operar na rede. Por mais que as pessoas possam querer se organizar das formas antigas, elas já não conseguem -não funciona”, disse Nilton.

Para o pesquisador, a construção de estratégias de educação em rede não pode se restringir ao uso irrestrito e acrítico das tecnologias. “Quando começamos a trilhar o caminho da EaD [Educação a Distância], vimos que ela estava reproduzindo a mesma lógica da escola tradicional. Mas pior, porque não tinha a figura do professor, que não deixa a educação bancária [como se referia a ela Paulo Freire] ficar tão pobre. Na EaD não havia sequer essa figura. Por isso começamos a pensar mudanças nas práticas educativas para compreendermos o que é educação em rede”, afirmou.

Nilton disse que, embora as pessoas tendam a acreditar que é preciso ter um chefe o tempo todo para que as coisas deem certo, a realidade mostra o contrário. Ele deu dois exemplos que sustentam sua posição. O primeiro é o da observação de crianças brincando na praia e construindo coletivamente um castelo de areia, sem que ninguém precise dizer a cada uma o que deve fazer.

O segundo exemplo veio por um vídeo que mostra a atividade de bactérias que formam o musgo. São organismos unicelulares que, em condições desfavoráveis, se unem e formam uma planta, pluricelular, sem que seja necessário um guia—a única comunicação que acontece é a baseada em sua experiência genética. “Sozinha, ela é pequena, unicelular. Mas, quando se junta, constrói uma planta pluricelular. Cria-se um sistema de comunicação entre as bactérias e, quando uma se mexe, a outra percebe e se aproxima. É uma comunicação genética. Não tem cabeça, planejamento, concepção. Na verdade, os seres humanos adultos são os únicos que resistem a fazer as coisas dessa maneira, e esse é o nosso problema”, disse.

O professor trouxe ainda uma reflexão para ser feita pelos participantes: “Será que, para o trabalho de formação em rede, é suficiente descentralizar? Ou uma rede de

formação deveria ter o papel de gerar dinâmicas comuns, de fazer com que as experiências se toquem?”

A esse questionamento uniram-se outros, durante o debate que se seguiu. Uma das grandes indagações foi sobre como a tecnologia pode ser aliada a outros dispositivos para que os seres humanos sintam realmente vontade de trabalhar juntos. Porém, para Nilton, a vontade de trabalhar junto vem da própria necessidade. “Mesmo no caso das bactérias: cada uma delas descobriu, por sua história genética, que a união possibilitava a sobrevivência. A vontade de estar junto surge porque se produz melhor assim, porque se tem melhores resultados assim ou porque simplesmente não se sobrevive de outra maneira. E a comunicação é direta, fluida, sequer passa pelo pensamento”, defendeu.

Ele disse ainda que, para realmente trabalhar em rede, é preciso ultrapassar o modelo burocrático antigo: “Ou se aceita um processo em que as pessoas tenham espaço para atuar e uma institucionalidade que é mera consequência disso, ou não há rede. Não se pode impor regulamentos nem ‘fazer a cabeça’ das pessoas. Quando as pessoas acreditam em algo, elas participam. Nosso papel, ao desenvolver tecnologias, é tornar essa participação viável”, disse.

Já Cláudia Langes lamentou que, muitas vezes, as Escolas tenham consciência da necessidade de promover um trabalho em rede como esse, mas que tenham também medo. “Precisamos deixar esses medos de lado, nos conhecer e nos reconhecer enquanto parceiros, compartilhar dores e experiências. Nós sabemos como lidar com informação e conhecimento. Temos que ‘meter a cara’, fazer acontecer”, concluiu a diretora.



## Saúde é meu lugar

O Encontro Nacional 2016 da RedEscola foi palco do lançamento da atividade mais recente da Rede: a mostra Saúde é Meu Lugar, que pretende envolver todas as instituições integrantes da Rede e trabalhadores da saúde de todo o Brasil. Por isso, um momento foi reservado para que a equipe de comunicação da Secretaria Técnica Executiva (STE/RedEscola) apresentasse a proposta, falando um pouco sobre sua origem e convidando todas as pessoas presentes a participarem.

Já fazia algumas semanas que ela vinha sendo anunciado em sua página no facebook<sup>9</sup>, mas o público ainda não tinha certeza do que se tratava. Durante a apresentação, o coordenador Caco Xavier esclareceu em que consiste a mostra. A ideia principal é bem simples: reunir e mostrar histórias sobre o trabalho em saúde no território, porque muitas vezes experiências ricas não conseguem circular para além dos centros de saúde, dos bairros ou mesmo das equipes envolvidas.

A mostra está ancorada no projeto *Qualidade na assistência à saúde, com inclusão: em busca de um agir comunicativo para a melhoria da gestão*, fruto de uma parceria entre RedEscola, a Secretaria de Assistência à Saúde (SAS/MS) e a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz). Seu principal objetivo é elaborar estratégias que ajudem a formar uma cultura de qualidade na formação para a Atenção Básica, por meio de ações educativas nas instituições de ensino que formam para o SUS e integrando Educação, Comunicação e Gestão.

Depois que o projeto foi aprovado, suas ideias foram amplamente discutidas com membros da STE da Rede e com representantes de diversas Escolas e, a partir dessas conversas, começou a tomar corpo e sair do papel. Em março de 2016, durante o 12º Congresso da Rede Unida, uma oficina reuniu membros da Rede, pesquisadores da Educação e da Atenção Básica e pessoas interessadas em geral para discutir a construção das mostras. Durante esse encontro, a 4ª Mostra de Atenção Básica, realizada em 2014, foi lembrada como uma boa fonte de inspiração pra o projeto em curso, porque sua estrutura e organização tinham vários pontos interessantes: a inscrição de experiências foi feita em uma plataforma interativa na internet e os relatos ficaram disponíveis para

---

<sup>9</sup> <https://www.facebook.com/saudeemeulugar>,

discussão virtual antes da Mostra em si. A partir dessa ideia, começou a ser pensado um espaço virtual semelhante e a mostra Saúde é Meu Lugar começou a ficar palpável.

### **As narrativas e os autores**

A equipe esclareceu que qualquer experiência de trabalho nos territórios interessa ao projeto: podem ser relatos do cotidiano, de experiências específicas que tenham sido bem-sucedidas, de falhas e problemas nas relações, enfim, histórias que apenas os trabalhadores podem contar. A ideia-chave é que essas histórias podem ensinar muita coisa sobre os processos – contribuindo, desse modo, para melhorar a qualidade dos serviços e da própria formação.

Quanto aos autores, a mostra também é bastante aberta: “Nossa estratégia de convocação foi pensada para facilitar a participação de trabalhadores que normalmente ficam invisibilizados nesse tipo de espaço: os agentes comunitários de saúde, agentes de combate a endemias, agentes indígenas de saúde, agentes sociais dos consultórios de rua”, disse Caco, afirmando, porém, que o convite é geral: “Podem participar gerentes das unidades básicas, enfermeiros, médicos, psicólogos, fisioterapeutas, trabalhadores técnicos de todas as áreas, pessoas que trabalham na administração, nos serviços de limpeza, no atendimento, na segurança e qualquer outra categoria que eu não tenha citado aqui”. As únicas exigências são atuar nos territórios e querer passar alguma história adiante.

O manifesto do Saúde é Meu Lugar, construído pela equipe, dá uma boa dimensão daquilo que se quer mostrar:

A saúde é o meu lugar.

É o lugar onde eu trabalho, onde aprendo, onde ensino, onde vivo.

A saúde é o meu território, porque é nele que a saúde é viva.

É no meu território que vivo diversas histórias todos os dias.

Histórias de acertos e de erros.

Histórias de aprendizagem.

Histórias que ensinam.

Cada nova experiência vira uma lição e com ela também posso ensinar.

É no meu lugar que eu conheço gente.

Falo com as pessoas, ouço as pessoas, aprendo com as pessoas.

E a gente segue trocando ideias, conselhos, histórias.

Por isso, eu quero contar e compartilhar meu dia a dia na saúde.

Afinal, saúde é meu lugar.

### **Inovação no recebimento de material**

Como pretende dar voz a trabalhadores que muitas vezes não aparecem em outros espaços, a equipe procurou estudar quais os meios de comunicação mais usualmente utilizados por esses profissionais, para ter certeza de que a divulgação da Mostra chegaria até eles. A descoberta de que ACS, por exemplo, se comunicam basicamente via whatsapp, levou à construção de uma estratégia de divulgação e de recebimento de relatos inovadora: o whatsapp será não apenas uma maneira de difundir a Mostra, mas também uma via para cadastro e envio de histórias. Além disso, serão aceitos relatos em diferentes formatos: textos, vídeos, áudios e imagens.

A mostra tem um personagem que representa a importância do lugar nas narrativas: inspirado pelo ‘pin’ que marca as localizações nos mapas virtuais, nasceu o Pinion, um bonequinho que apresenta o projeto, convida o público a participar e tem ele próprio uma série de histórias que já estavam sendo veiculadas, tanto no facebook quanto no instagram do projeto<sup>10</sup>.

### **As mostras**

A equipe explicou que, assim que as histórias fossem recebidas, elas seriam cadastradas na plataforma do projeto, ficando imediatamente disponíveis em uma mostra online. Um corpo de curadores iria combinar essas narrativas de modo a criar novas construções de sentidos. Este mesmo corpo ficaria responsável por dar organicidade aos relatos e, com eles, compor mostras regionais – estas serão físicas, realizadas em instituições da RedEscola). Findas as mostras presenciais, a plataforma poderá continuar no ar por tempo indefinido, compondo uma mostra permanente.

---

<sup>10</sup> <http://instagram.com/saudeemeulugar>.

A construção dessas mostras é interessante não apenas para melhorar a qualidade do atendimento e da formação, mas também para se tornar mais um dos possíveis espaços de resistência do SUS frente ao desmonte. Isso porque elas podem dar visibilidade ao cotidiano da Atenção Básica e à Estratégia Saúde da Família, que, apesar de fundamental para o bom funcionamento do Sistema, ainda é pouco conhecida por parte da população brasileira.

### **Escolas convocadas**

A apresentação da mostra no Encontro também teve como objetivo anunciar o início da convocatória para a mostra online, que começaria nos próximos dias. Foi feito um convite para que as pessoas presentes acompanhassem as novidades por meio da página da mostra no facebook e que divulgassem a ideia em seus estados e municípios. Além disso, como as Escolas são fundamentais na construção e organização das mostras regionais, também foi feito um convite para que aquelas que estivessem interessadas em sediar as mostras entrassem em contato com a equipe de comunicação da STE. Várias instituições, como as Escolas de Saúde Pública do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, manifestaram interesse.

## **Educação Permanente em Saúde**

O espaço do Encontro Nacional 2016 da RedEscola destinado à discussão as Educação em Permanente foi, seguindo a ideia geral do evento, bastante aberto: os participantes se dividiram em grupos de acordo com suas regiões de atuação – a divisão foi sugerida pelos próprios participantes – para debater aspectos da EPS em seus territórios e instituições. Foram formados três grupos: região Nordeste; regiões Sul e Sudeste; e regiões Centro-Oeste e Norte.

Foi ressaltado o quanto seria importante ter um momento no Encontro para discutir especificamente os problemas internos da Rede – de comunicação, de comprometimento e mesmo da visão dos integrantes sobre o que é a RedEscola, além do necessário debate sobre sua sustentabilidade financeira –, mas, embora a programação oficial previsse um horário para isso, não houve tempo hábil pra cumprir esse ponto de pauta. Assim, com o contexto político delicado que envolvia o Encontro, foi natural que as rodas livres de conversa sobre ESP trouxessem à tona as fragilidades da formação para o SUS naquele momento, de modo que elas acabaram se tornando também lugares para discutir e propor formas para o posicionamento da Rede e para garantir a continuidade dos processos.

### **As discussões**

No grupo da região Nordeste, considerou-se a necessidade de pautar a sustentabilidade da política nacional de EPS no contexto atual. Foi citado que há um desmonte da política, com forte entrada do setor privado na formação para o SUS, quando, na realidade, deveria caber a ele atuar de forma complementar, se houvesse necessidade.

Foi dada a ideia de a Rede se articular à UNASUS e a outras instituições públicas de ensino, visando a ter um suporte técnico para o desenvolvimento de ações de educação a distância. Criticou-se o fato de que as escolas têm recebido ‘pacotes prontos’ de cursos, servindo apenas como executoras das ações propostas, em vez de utilizarem sua capacidade técnica e conhecimento dos territórios e trabalhadores para propor e construir currículos e pautas.

Na discussão entre os representantes das regiões Sul e Sudeste, foi considerada a importância de discutir o momento político e construir uma pauta de posicionamento, e ao mesmo tempo buscar diálogo com autores relevantes na interação com a Rede. O grupo analisou o contexto, as dificuldades, a política e as estratégias de EPS e concluiu que é

fundamental obter um posicionamento mais claro e enfático da RedEscola, inclusive por meio da construção de um documento oficial. O documento deveria informar o que é a Rede, como ela se constitui, quais são suas bandeiras, que estratégias tem utilizado para se fortalecer e qual é o seu posicionamento no contexto atual; em resumo, era preciso dizer quem é a Rede, por que ela existe e que ela se opõe à perda de recursos, direitos, Escolas e profissionais. Além disso, seria necessário construir uma agenda de trabalho. Nessa agenda, estariam descritas as seguintes tarefas e processos, atribuindo a eles prazos e pessoas responsáveis: 1) construção do documento; 2) marcação de audiência no Ministério da Saúde para apresentação do documento à Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde (SGTES), ao Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS) e ao Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), e ainda à Secretaria Executiva do Ministério.

A mesma estratégia deveria ser levada a cabo no âmbito estadual, com as escolas procurando os conselhos estaduais e as secretarias estaduais de saúde para pautar suas discussões nas Comissões de Integração de Ensino e Serviço (CIES), criando e ocupando espaços de discussão.

Outra proposta desse grupo foi a de manter um fórum permanente de conversa entre os membros da Rede para discutir possibilidades de enfrentamento às diversas situações que já estão em curso – como no Rio Grande do Sul, que passa por um desmonte de várias instituições, inclusive da Escola de Saúde Pública – e de outras semelhantes que podem vir a se apresentar. Foi colocado que, individualmente, as Escolas podem passar por momentos de grande fragilidade, e que o pertencimento a uma Rede de fato fortalece as instituições.

Essas mesmas questões permearam os debates no grupo do Centro-Oeste e Norte. Os representantes criticaram o fato de que, assim como na região Nordeste, vêm recebendo ‘pacotes’ de cursos em que às Escolas caberia basicamente a responsabilidade pelo trabalho logístico, e uma proposta discutida para solucionar isso foi a negociação de uma conversa com representantes do Ministério da Saúde para apresentar tal contestação e exigir que as Escolas sejam ouvidas em relação a seus desafios regionais. O grupo também propôs que as instituições de cada região começassem a se articular para dialogar com o a SGTES sobre isso.

Outra questão levantada foi a da criação de um Observatório da EPS, para que o compartilhamento das experiências positivas possa ajudar a sanar as dificuldades. Esse

foi um dos encaminhamentos do projeto *A Política Nacional de EPS: Análise dos fatores condicionantes à sua implementação em diálogo com as experiências das Escolas de Saúde Pública*, desenvolvido pela RedEscola. No entanto, uma representante da STE da Rede lembrou que uma webconferência para discutir e impulsionar a criação do Observatório já havia sido promovida pela própria Secretaria, mas que a adesão das Escolas nessa reunião havia sido muito baixa. Isso levou à discussão sobre a importância e o engajamento das próprias instituições na Rede.

O grupo também falou sobre o desejo de realizar um encontro regional das Escolas, mas afirmou que, enquanto não havia condições financeiras e logísticas para isso, a articulação e o debate seria impulsionado por meio de instrumentos como whatsapp, Skype e e-mail.

### **Os encaminhamentos**

A estratégia de construir um documento para levar ao Ministério da Saúde e aos conselhos de gestores foi bastante discutida. A maior parte dos participantes considerou importante que o Encontro gerasse um documento ou carta que contivesse o posicionamento político da Rede, com uma decisão firme do grupo. Por isso, os membros do Grupo de Condução se comprometeram a redigir um documento com a posição oficial da Rede, bem como suas demandas e propostas, e conseguir estabelecer um diálogo com o Ministério da Saúde.

## **Tarefas necessárias para garantir sobrevivência**

Diante de um momento delicado e de um futuro incerto, as instituições que integram a RedEscola saíram do seu Encontro Nacional 2016 com algumas tarefas específicas fundamentais para garantir sua sobrevivência enquanto rede.

A produção de um documento que descreva os objetivos, as atribuições, os princípios e, principalmente, o posicionamento político da RedEscola foi visto como um ponto de partida para outras ações importantes. Em cada região, as Escolas deveriam se articular para conseguirem contatos e reuniões com os conselhos e secretarias de saúde de seus estados; no plano nacional, o Grupo de Condução da Rede ficaria responsável por, o quanto antes, redigir o documento político e se encontrar com representantes do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) e da Secretaria de Gestão do trabalho e Educação em Saúde (SGTES). O objetivo é difundir a relevância da Rede entre gestores de diferentes esferas e pontuar suas necessidades e exigências. Além disso, deveriam ser buscados novos parceiros regionais entre instituições que ainda não fazem parte da RedEscola.

As estratégias foram pensadas a partir da própria temática do evento, organizado para levantar maneiras de ocupar o Sistema Único de Saúde, a exemplo as ações que, desde 2015, estudantes secundaristas de todo o país vinham promovendo para lutar por seus direitos e contra retrocessos no sistema educacional.

Ao fim do Encontro, a expectativa é a de que, sempre fortalecendo sua dimensão de rede, as instituições possam fazer frente às ameaças que vêm se apresentando.



## **Para ler mais**

A ideia é que as notas de rodapé sejam transformadas em box-links, ligadas à palavra que, aqui neste texto, aparecem como referências.

As outras referências bibliográficas podem aparecer em boxes no fim de cada “matéria” (capítulo), sob o título ‘leia mais’, ‘para saber mais’ ou algo que o valha. Seriam as seguintes:

### **Encontro importante em tempos difíceis:**

Promulgada emenda que prorroga desvinculação de receitas:

<<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/09/08/promulgada-emenda-que-prorroga-desvinculacao-de-receitas>>

A quem interessam os planos de saúde ‘populares’? -

<https://medium.com/@redescola/a-quem-interessam-os-planos-de-sa%C3%BAde-populares-23c448a3d97a#.s1pjrs56n>

Governo encaminha à ANS proposta de plano de saúde popular:

<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,governo-encaminha-a-ans-proposta-de-plano-de-saude-mais-restrito-e-barato,70001690982>

A proposta que congela gastos e enterra a saúde: < <https://medium.com/@redescola/a-proposta-que-congela-gastos-e-enterra-a-sa%C3%BAde-b67394a0cdc9#.x8iyk85v9>>

Promulgada emenda constitucional do teto dos gastos públicos:

<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/economia/521413-promulgada-emenda-constitucional-do-teto-dos-gastos-publicos.html>>

Ocupações: nova tática de luta pelo SUS:

<<http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/ocupacoes-nova-tatica-de-luta-pelo-sus>>.

### **Saúde é Meu Lugar:**

<http://saudeemeulugar.com/>